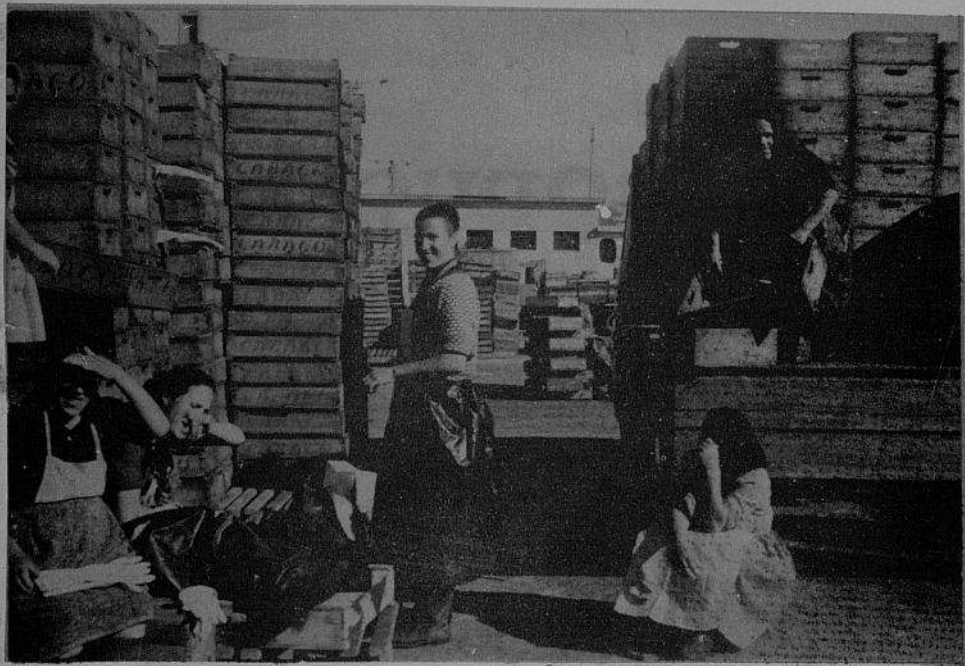


as mulheres falam



VASCO MC MARTINS

dos seus problemas ...

COLECÇÃO: DO POVO Nº2

Esta brochura foi feita por um grupo de mulheres a partir duma recolha de artigos do jornal "O Alar-me" (Jornal Popular Português dos trabalhadores para os trabalhadores).

Alguns dos artigos tocam directamente os problemas de trabalho das mulheres emigradas.

Por outro lado fizemos umas pequenas modificações em alguns artigos.

INTRODUÇÃO

Nesta sociedade onde há explorados e oprimidos, a mulher aparece como o ser mais explorado e oprimido, muitas vezes até pelos próprios explorados.

Conscientes dessa exploração e dos problemas específicos que temos, decidimos fazer esta pequena brochura com o fim de ajudar as outras mulheres e a classe operária em geral a tomarem consciência desses problemas.

Somos nós mulheres, que devemos tomar em mão os nossos problemas, mas sabemos bem que só seremos livres quando toda a classe operária o for pois o nosso inimigo não é o homem mas o capitalismo.

Para isso, devemos lutar unidos, homens e mulheres, pela destruição do capitalismo e construir uma nova sociedade onde todos teremos os mesmos direitos e poderemos ser verdadeiramente livres.

ABAIXO A DUPLA EXPLORAÇÃO DA MULHER

A uma operária portuguesa que trabalhava numa fábrica no Porto, baixaram-lhe o ordenado com as vingarices das classificações. Ela foi protestar ao patrão mas este bandido respondeu-lhe descaramente: "As mulheres não pago salário mas um subsídio para ajudar o homem em casa."

Nós, mulheres operárias, fazemos parte como todos os operários, da classe trabalhadora e por isso, estamos decididas a lutar juntamente com eles contra o nosso inimigo comum: o patrão, todos os patrões, a burguesia, a classe capitalista.

Nós estamos conscientes de que somos duas vezes mais exploradas que os homens e senão vejamos alguns exemplos:

Quantas vezes nas fábricas fazemos o mesmo trabalho que os homens e ganhamos muito menos? Por exemplo, o ano passado numa serração da Beira Baixa os homens ganhavam 70 escudos e as mulheres 40 a fazerem o mesmo trabalho.

Quando trabalhamos como criadas ou como "mulheres a dias" obrigam-nos a trabalhar até às 11 horas ou meia-noite. Ainda por cima os patrões e os filhos dos patrões aproveitam a nossa condição de mulher para abusarem de nós. Como estamos sòzinhas não sabemos o que havemos de fazer para não nos deixarmos explorar.

Depois de um dia extenuante na fábrica esperam-nos em casa todo o trabalho doméstico e a educação dos filhos. A mulher, tão cansada como o marido do dia de trabalho tem de fazer todo o trabalho de casa sòzinha, pois a sociedade burguesa espalhou que este trabalho é para as mulheres.

Na ida e vinda do trabalho somos chatiadas pelos estúpidos piropos dos homens que nos consideram como se não fossemos pessoas.

Quantas vezes temos necessidade de sair e não o fazemos porque os nossos maridos não deixam?

Quantas são as famílias em que os rapazes a partir dos 16 ou 17 anos fazem o que querem mas as raparigas são obrigadas a ficar em casa?

Os exemplos podiam continuar pois cada uma de nós sabe a exploração que sofre.

Como já dissemos, não lutamos contra os operários mas pensamos que estes em vez de descarregar a sua revolta sobre a mulher e os filhos, indo muitas vezes ao ponto de lhes bater, devem organizar-se e lutar contra os chefes e patrões.

A dupla escravatura da mulher só será abolida pela luta revolucionária das operárias dentro da luta revolucionária de todos os trabalhadores, isto é, construindo uma sociedade onde o povo tenha o poder.

No entanto, compete-nos a nós mulheres, lutar activamente na luta da classe operária e lutarmos por pontos concretos em que somos mais exploradas.

A escravatura dos homens e a dupla escravatura das mulheres só acabarão quando a classe operária arrancar o poder político à burguesia e construir uma sociedade nova:

O SOCIALISMO em que teremos salário igual para trabalho igual, refeitórios populares, creches para a educação das crianças, etc...

Não uevemos estar à espera que os homens comecem. Devemos organizar-nos, mobilizar as outras operárias para a luta e ganhar o apoio dos operários, ao mesmo tempo que devemos participar na luta revolucionária de todos os trabalhadores.

OPERÁRIAS:

As ideias de superioridade do homem sobre a mulher são espalhadas pelos patrões para mais nos explorarem. Unidos aos operários lutemos pela destruição destas ideias denunciando-as onde elas se encontrarem.

VIVA A LUTA REVOLUCIONARIA DE

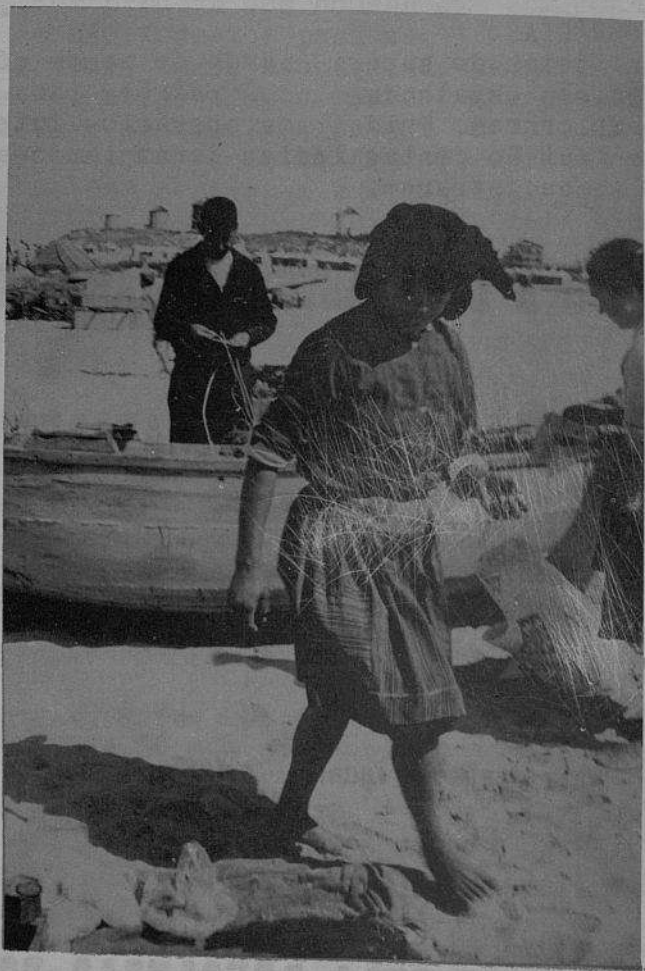
TODOS OS TRABALHADORES!

Abaixo a dupla escravatura das mulheres!

Para trabalho igual, salário igual!

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR

(dezembro 72)



Mulheres como estas não têm tempo a perder em concursos de beleza.

miss portugal

Em Portugal os burgueses gastam o tempo na escolha da sua "MISS" - da mulher que sabe andar com elegância, enfim da mulher que só sabe pavanear-se e "agradar" ao homem que tem massa.

Nós que temos de trabalhar na fábrica ou a dias, que há noite temos de cuidar dos filhos e de todo o arranjo da casa, sentimo-nos verdadeiramente ofendidas por apresentarem a mulher como se apresentam as vacas na feira.

Ainda por cima somos nós que trabalhamos, que sustentamos estas festanças e demais poucas vergonhas.

Bem fizeram as mulheres de Angola e Moçambique que não quiseram perder tempo nestas porcas.

Elas sabem bem que têm muito que fazer pela libertação do seu povo. A verdadeira mulher não é aquela que tem mais 2cm de altura ou mais 3cm de anca, ou que veste um fato comprido ou anda de mini-saia.

A gente bem sabe que isto é mais uma forma de os capitalistas se servirem da mulher para venderem produtos de beleza, vestidos, fazerem propaganda dos seus Bancos, das suas fábricas, etc...

Queremos dizer a estes canalhas que um dia nos vingaremos.

junho 73



manifesta

BALEIRO

ALARME!

RECONE-
(SAS)

JORNAL DOS PORTUGUESES DE MULHERES

GRUNDIG

JULHO

o Zé
s problemas

GR

CONTINUA A ESCREVER-NÓ

—MUBR

agosto 72

Acho muito boa ideia dos portugueses fazerem um jornal pois eu estou farta de ler os jornais dos "Senhores" que não interessam a ninguém. O que é preciso é que nós participemos, escrevendo aquilo que se passa connosco, tanto no trabalho como fora dele....

Eu faço limpeza e desde que trabalho a minha patroa passa o tempo a chatiar-me ou porque dei-xei um pingo de água no chão, ou não lavei bem a retrete ou ainda porque chego atrasada.

Para mudar de chatianço, hoje fui ao consulado onde esperei três horas de pé, numa sala com muita gente que, como eu, esperava ser atendida. Uma portuguesa já não podia aguentar-se e des-maiou! Isto porque nós não somos mulheres dos tais senhores "Consules, Patrões, etc". Porque se o fôssemos não esperaríamos tempo nenhum ou se fosse preciso seria cinco minutos e então teríamos uma bela cadeira bem estufada e com todo o conforto.

Enfim, como somos trabalhadores, esses tais senhores que vivem á nossa custa e que nos roubam dia a dia, tratam-nos como se não fôssemos pessoas.

Isto até que um Amanhã virá em que esses senhores não nos chatiarão mais.

Nós as empregadas domesticas

Todo o emigrante ao chegar a França é obrigado a fazer um contrato por um ano com o patrão para ter direito á Carta de Trabalho e á Carta de Séjour. Os patrões aproveitam-se disso para pagarem um salário mínimo.

"Já não basta sermos obrigadas a fazer um contrato por um ano sem podermos escolher se gostamos desse trabalho ou não, como ainda os patrões nos roubam o mais que podem. Fazem-nos trabalhar durante um período de 13 ou 14 horas por dia (por vezes sábados e domingos) sem nunca nos pagarem as horas suplementares, obrigam-nos a fazer trabalhos duros e perigosos, etc...

Eu falo por experiência própria. Fui roubada durante ano e meio por uns patrões que nunca me fizeram papeis nenhuns só porque teriam de pagar a Carta de Trabalho e descontar para a Caixa. Quando eu poderia estar livre de todos os contratos, tive de começar. Então, com a experiência de já, ter sido roubada comecei a andar desconfiada. Já não me iriam roubar assim. Mas só com o tempo eu consegui aprender algumas leis, aquelas que ainda são demasiado para dar lucro ao patrão. Mas enquanto não temos outras temos que aproveitar estas.

A minha luta foi difícil de começar, talvez porque eu nunca tinha dito NÃO aos exploradores de sempre.

Primeiro pensei: "Estou no fim do contrato e quando acabar vou-me embora, já está!..." Mas com o decorrer dos dias, disse: "Não, se eu não digo nada a outra que vem vai ser explorada como eu e nós continuamos sempre na mesma; o melhor-é eu exigir os meus direitos".

A falta de hábito oprimia-me, os dias em que tinha boas oportunidades passavam, mas a coragem faltava.

Um dia pensei: "Hoje tem que ser". Nessa manhã aproveitei a primeira oportunidade para lhe dizer que precisava de falar com ela. Claro, os patrões já sabem que quando os operários falam é para exigir os seus direitos. Ela disse-me que não tinha tempo, que teria de ficar para mais tarde, mas eu exigi-lhe que fosse nesse mesmo dia. A tarde chegou e foi ela que veio falar comigo. Dentro de mim a conversa já estava preparada e comecei.

Fiz-lhe todas as minhas exigências; a resposta veio rápida, dizendo que todas as suas amigas davam mais trabalho às empregadas do que ela e elas ainda não se tinham revoltado. Como eu não cedesse resolveu dizer-me que mais tarde me daria a resposta, pois tinha de falar com o marido.

Os dias passavam e a resposta não vinha. Achei que era inútil voltar a falar, melhor seria tomar o trabalho em mão. Para mim haver uma casa suja ou limpa pouco me importava. O que interessava era que eu vencesse, portanto pensei não trabalhar mais de 10 horas por dia (como estava no contrato); saía todos os sábados à tarde e só voltava na segunda de manhã. Durante uma semana fiz assim: todos os dias à tarde saía ou dormia durante três horas para não fazer mais de 10 horas por dia. Isso era o essencial. Um dia ela deu conta do que eu fazia e chamou-me para falar mos. Eu preparei-me para a luta final: já pouco me interessava sair ou ficar mas pelo menos ela tinha visto que comigo não brincava.

Acabou por me dar tudo o que pedi.

Creio que como eu há milhares nas mesmas con-

dições, portanto, para desabituar-mos estas gulosas da exploração, temos que lutar unidas.

É verdade que na nossa condição de trabalho é difícil a união visto trabalharmos uma em cada lado e em cada canto, mas se quisermos tudo é possível; não há mais do que cada uma faça a sua luta e até se houver mais da minha opinião poderíamos reunir-nos de vez em quando para discutir mos como lutar.

só unidos venceremos

janeiro 73



Viva o dia internacional da mulher

O dia 8 de Março está ligado a uma grande luta das operárias da indústria textil. Esta luta passou-se em Nova York em 1857. A jornada de trabalho era de 16 horas mas as operárias unidas e decididas recusaram-se a trabalhar e exigiram a diminuição da jornada para 10 horas e salário igual ao dos homens. Organizaram uma manifestação na cidade e nem a polícia as fez recuar porque não há polícia no mundo que resista à força dos trabalhadores unidos e decididos. Com esta luta fizeram recuar os patrões e conseguiram as suas reivindicações.

Mais tarde, em 1910, quando tudo indicava a aproximação duma guerra, a militante alemã Clara Zetkin, numa conferência Internacional dos Socialistas em Copenhague, apelou para a força das mulheres contra a guerra. Clara Zetkin, tendo presente a gloriosa luta das costureiras de Nova York, propôs a celebração do dia 8 de Março como DIA INTERNACIONAL DA MULHER.

Nasceu assim a internacionalização dum movimento que viu as mulheres tomarem consciência do seu valor, dos seus direitos e do seu dever na luta pela emancipação do proletariado.

Outras mulheres, noutros países, dão-nos a sua experiência e o seu exemplo revolucionário. Na Rússia, na China, na Albânia, no Vietnam, em Portugal, em Angola, Moçambique e Guiné, as mulheres tomaram parte activa na luta política e armada.

Em Angola, Moçambique e Guiné as mulheres participam nos movimentos de libertação, quer directamente na luta armada, quer na organização da

nova vida da aldeia. Enfim, participam de diferentes maneiras conforme as necessidades.

Em Portugal, temos entre outras Catarina Eufémia, ceifeira alentejana, que foi abatida a tiro pela guarda republicana de Beja, quando, corajosamente à frente de um grupo de trabalhadores pediu aumento de salário. Muitas trabalhadoras revoltadas por verem os filhos partirem e quantas vezes morrerem na guerra, lutam na fábrica ou no campo pelo fim da exploração. De dia para dia as operárias tomam consciência desta exploração e começam a organizar-se: recentemente foi vitória a luta dos operários da Grundig em Braga, em que a maioria eram mulheres. Não cederam às manobras traiçoeiras dos patrões, sindicatos e polícia; souberam elevar a luta de massas a uma luta política ao mesmo tempo que conseguiram as suas reivindicações.

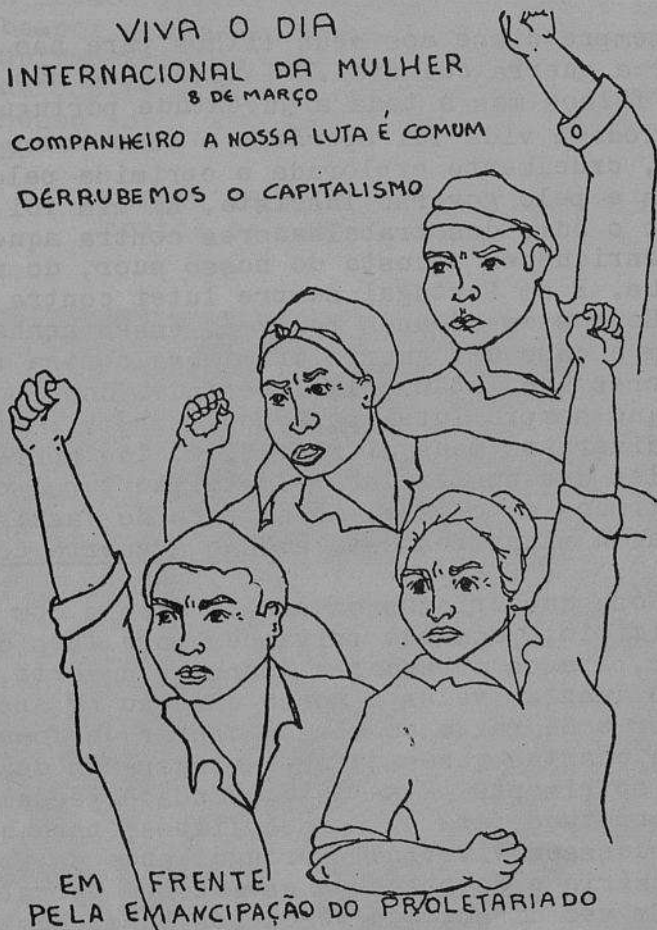
No Porto, na fábrica electro-mecânica de Candal cerca de 100 operárias pararam de trabalhar porque o patrão nem sequer lhes pagava o salário mínimo. No dia do pagamento recusaram-se a receber o dinheiro e decidiram não trabalhar enquanto não lhes fosse pago o que lhes tinha sido roubado. De igual modo fizeram as operárias de Somo (Ronfe-Guimarães) para que lhes fosse aumentado o salário. Em Barcelos, as operárias de Tebe, ao verificarem que o patrão só tinha pago aos operários reuniram-se e embora tenham sido postas fora da fábrica pela força continuaram a gritar e a informar todos os que passavam das manobras sujas do patrão, ameaçando-o de fazerem greve. No dia seguinte conseguiram o que desejavam.

E é assim, na luta, lado a lado com os nossos companheiros, que destruiremos o nosso inimigo

comum, a classe dos exploradores e conquistaremos uma sociedade livre para todos os trabalhadores.

VIVA O DIA INTERNACIONAL DA MULHER!
ORGANIZADO O POVO É INVENCÍVEL!
EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR!

VIVA O DIA
INTERNACIONAL DA MULHER
8 DE MARÇO
COMPANHEIRO A NOSSA LUTA É COMUM
DERRUBEMOS O CAPITALISMO



EM FRENTE
PELA EMANCIPAÇÃO DO PROLETARIADO

A GUERRA COLONIAL:

UMA MÃE ESCREVE

"Eu sempre disse aos meus filhos para não irem fazer a guerra colonial. E isto, digo-o não só aos meus filhos mas a toda a juventude portuguesa.

"Toda a vida fui operária e como todos os outros, cruelmente explorada e oprimida pelos patrões e pelo governo fascista. Em mim foi nascendo o ódio dos trabalhadores contra aqueles que enriquecem a custa do nosso suor, do nosso sangue. E em Portugal sempre lutei contra eles.

"Hoje e de há anos para cá, esses senhores levam a cabo uma guerra criminosa contra trabalhadores que lutam pela liberdade. Como poderei eu, que sempre lutei pela nossa propria libertação dizer aos meus filhos: "Ide, ide morrer por aqueles que nos exploram; matai, torturai os nossos irmãos de classe, ao serviço do fascismo". Nunca. A minha resposta é: "Não a guerra colonial".

"Nós, que criamos os nossos filhos com tanto sacrifício, passando privações para lhes dar de comer, para os arrancar à doença e à morte, quantas e quantas vezes o nosso coração se apertava de dor e de raiva ao vê-los chorar de fome. Quantas e quantas vezes juramos vingar-nos de todo este sofrimento. E na luta, o nosso pensamento ia sobretudo para os nossos filhos; para que um dia pudessem viver num Portugal onde as forças da miséria e da opressão estivessem derrotadas.

"Em vez disso, que vemos nós hoje? Nas nossas aldeias abandonadas, apenas os hospitais, os cemitérios estão cheios. Nelas, mulheres e velhos

vivem na espera ansiosa de notícias dos filhos e dos maridos, uns na guerra outros na emigração. E a juventude portuguesa anda a combater numa guerra que vai contra os nossos interesses. Mas contra esta situação já se opõe uma parte do povo. Os nossos filhos são cada vez mais a desertar. Cabe-nos a nós, mulheres portuguesas, apoiá-los e unirmo-nos com eles e com todos os outros que lutam contra a guerra colonial pela libertação do nosso povo. APOIEMOS A LUTA DOS POVOS DAS COLÓNIAS.

tirado do "Insurreição" boletim do
comité de desertores na Dinamarca.



AS MULHERES AFRICANAS

Gostávamos que fosse publicado no Alarme alguns aspectos fundamentais sobre a vida da mulher africana, sobre a sua participação na vida dos seus países. Isto poderá servir de exemplo para nós, mulheres portuguesas.

Numa entrevista ao vice-presidente da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) este afirmou:

"Damos uma importância particular à emancipação da mulher. Não é uma preocupação feminista correcta ou incorrecta, é simplesmente uma exigência da revolução - o combate é de todos nós. Se apenas os homens combatessem, isto significaria que cada moçambicano teria de suportar um peso, que seria a sua mulher. E pois, do interesse de todos nós, para a instauração dum regime verdadeiramente popular que a mulher participe na luta a todos os níveis. A emancipação deve fazer-se contra o domínio colonial e também contra o que existe de negativo nas sociedades tradicionais. Libertação quer dizer liquidação de todas as formas de opressão".

Soubemos ainda que de 22 a 31 de Julho em Dar-Es-Salam (cidade africana) se realizou a conferência das Mulheres Africanas em comemoração do 10º aniversário Pan-Africano da mulher. Estiveram presentes 200 mulheres africanas representantes do PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde) do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e FRELIMO.

Foram ainda convidadas mulheres de países socialistas e uma mulher portuguesa. A mulher portuguesa falou da solidariedade das mulheres portuguesas e do povo português ao povo de Angola, Guiné e Moçambique que luta pela sua libertação.

As mulheres devem participar nas lutas de libertação do seu país, mas devem lutar unidas aos operários contra o capitalismo, através de greves, manifestações, etc, na construção do SOCIALISMO.

É importante que as mulheres revolucionárias dos diferentes países se sintam unidas pois só assim conseguirão libertar-se da dupla escravatura em que se encontram.

março 73

A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO EXÉRCITO

Lemos no Alarme nº 7 do mês de Março dois artigos sobre a participação da mulher no exército e queremos esclarecer a nossa opinião sobre este assunto.

Num dizia-se que as mulheres africanas participavam directamente ao lado dos homens na luta de libertação do seu país.

Noutro, que as mulheres portuguesas poderiam fazer parte do exército como voluntárias.

Lemos ainda que no último discurso que o Marcelo Caetano fez no dia 1 de Março, que o governo português pensa criar um serviço militar obrigatório de dois anos para todos os jovens, rapazes e raparigas.

Nestes três artigos fala-se da participação da mulher no exército.

Que fazem as mulheres africanas?

Lutam para expulsar do seu país os exploradores capitalistas que os sugam, enfim, trabalham para construir uma sociedade em que todos tenham os mesmos direitos.

E as mulheres portuguesas que vão elas fazer para o exército?



Dar mais força ao exército português que defende os interesses dos capitalistas, que além de explorarem o povo de Portugal exploram também o povo de Angola, Guiné e Moçambique.

Ora nós, que também somos mulheres estamos absolutamente de acordo que as mulheres participem a todos os níveis na vida do seu país.

Mas como?

Combatendo os povos de Angola, Guiné e Moçambique que lutam pela sua libertação?

Isso nunca...

Então seremos obrigadas a fugir clandestinamente do nosso país como até agora têm feito tantos rapazes que se recusam a participar numa guerra injusta e assassina.

Abaixo a guerra colonial assassina!

Viva a justa luta dos povos de Angola, Guiné,

Moçambique e Portugal!

abril 73

aborto e

contracepção

INTRODUÇÃO

Em França, como em Portugal e em muitos outros países, o aborto é proibido pela lei. No entanto, há centenas de mulheres que por determinadas condições sociais ou porque desconhecem os métodos contraceptivos, são obrigadas a fazer abortos em muito más condições, pondo mesmo em risco a própria vida. Só em França há perto de 800000 abortos clandestinos e à volta de 3600 mulheres que morrem por ano devido a terem abortado em péssimas condições.

No entanto, hoje em dia, o aborto não é nada perigoso desde que seja feito por pessoas competentes e em sítios previstos para isso. Mas claro a lei só vem agravar a situação. Ainda por cima os governos capitalistas são contra a informação sobre os métodos contraceptivos.

Não é o Estado que sabe quantos filhos um casal quer educar; é cada casal que deve decidir sobre isso, pois são eles que sabem as dificuldades que têm.

As mulheres ricas podem muito bem ir à Suíça ou à Inglaterra onde o aborto não é proibido ou mesmo fazê-lo em França pagando milhares de francos. Então os operários que tenham filhos, para fazerem a guerra e para trabalharem para esses tais senhores que fazem as leis...

o aborto

Entrevista entre a Maria e a Fatima

M-Você quer apresentar-se?

F-Eu tenho 33 anos, sou casada há 6 anos, estou em França há 5 anos e tenho 2 filhos, um de 4 anos e o outro de 3 anos.

M-Você trabalha fora de casa?

F-Sim, trabalho na mesma fábrica que o meu marido, 8 horas por dia por turnos. Além disso ainda tenho de trabalhar em casa, como você deve imaginar.

M-Uma vez que vai trabalhar quem é que lhe guarda as crianças?

F-De princípio tive muita dificuldade em encontrar uma pessoa que me guardasse as crianças. Agora pago a uma amiga que vive aqui perto para mas guardar. Levâmo-los de manhã, ao meio-dia o meu marido vai buscá-los para lhes dar o almoço e à tarde vamos de novo buscá-los. O que era bom era que houvesse uma creche na fábrica, mas para isso as delegadas do sindicato não se mexem. Só o que elas sabem é pedir a quota no fim do mês.

M-E agora porque é que não quer mais filhos?

F-Porque tendo mais um filho não podia trabalhar e não gostaria nada de ficar todo o dia em casa. Uma pessoa sente-se presa passando todo o dia fechada em casa, além disso o ordenado do meu marido não era suficiente para vivermos. Se tivesse agora um filho a mulher que guarda os outros não queria guardá-lo porque ela também tem filhos e uma criança de colo dá muito trabalho. Ora então eu seria obrigada a levá-la à vila que ainda é longe da minha casa. No inverno, com o frio e a chuva ia ser mesmo muito duro.



M-Se realmente não queria ter mais filhos porque é que não fazia nada para os evitar?

F-Ah! A gente fazia atenção mas um dia falhou. Eu já tinha pensado tomar a pilula mas diz-se tanta coisa que eu tinha medo. De qualquer modo agora decidi toma-la porque afinal já há muitas mulheres que a tomam. Também tomei consciência de que eles proibem o aborto e metem medo com a pilula porque o que eles querem é que a gente tenha muitos filhos que trabalhem para eles e façam a guerra.

M-Custou-lhe muito fazer o aborto?

F-Não, pensava que era muito pior.

Entrevista entre a Maria e a Rita

M-Fale um pouco da sua vida...

R-Tenho 36 anos, casei-me com 20, tenho 8 filhos e já fiz dois abortos. Como pode imaginar tenho muito trabalho com os filhos, mas como para criar 8 filhos é preciso muito dinheiro ainda sou obrigada a fazer algumas horas de limpeza.

M-Como não quer ter mais filhos, quando viu que estava grávida, o que é que pensou fazer?

R-P'ra já pensei que devia tomar atenção ao médico a que devia ir, pois do meu último filho o médico que consultei disse-me que me ia dar umas injeções para fazer aparecer a menstruação, mas o certo é que o tratamento que ele me fez foi para segurar e não para acabar.

M-Então a que médico foi desta vez?

R-A minha patroa disse-me que conhecia um que levava 4 mil francos novos (20 contos) para fazer um aborto. Tenho pena de que ela não me quisesse dar o nome para eu o enviar ao jornal e toda a gente ficar a conhecer um dos grandes ladrões que vive à custa das dificuldades dos outros.

M-Porque é que acha que esses médicos levam tanto dinheiro por um aborto?

R-PORQUE ELES, ASSIM COMO O POMPIDOU, TODOS OS GOVERNANTES E PATRÕES QUEREM QUE A GENTE TENHA MUITOS FILHOS QUE TRABALHEM PARA ELES E QUE FAÇAM A GUERRA QUE DEFENDE O SEU CAPITAL.

M-Não pensou ir a Portugal fazer o aborto como fez o ano passado?

R-Sim, tinha pensado nisso pois conheço lá uma parteira que mo fazia em boas condições. É verdade que eu queria fazê-lo mas em boas condições de higiene para não prejudicar a minha saúde.

M-Custou-lhe muito a fazê-lo?

R-Não, da outra vez sofri muito mais. Desta vez foi mais rápido.

M-O que pensa fazer agora para não ter mais filhos?

R-Vou esta semana com o meu marido ver um médico para discutirmos a maneira como devemos proceder para evitar ter mais filhos.

Como se vê o aborto é proibido para os pobres; os ricos podem fazer tudo o que querem. Claro que é sempre melhor prevenir do que remediar. Se não queremos ter mais filhos devemos utilizar os métodos que existem para os evitar.

E cada casal que deve decidir o número de filhos que quer...

julho 73

a pilula

P-No outro dia disseste que tomavas a pílula, por que não podias ter mais filhos, mas diz-se tanta coisa, que engorda, que faz mal aos nervos, eu sei lá que mais se diz. Tu não tens medo de a tomar?

R-Muitas de nós, mulheres, por vezes temos mais filhos porque acreditamos em certas propagandas que fazem sobre a pílula. Há quem diga que faz mal e muitas mulheres têm medo de a tomar. A pílula não faz mal mas em todo o caso é preciso ir ver o médico antes de a começar a tomar. Há muitas qualidades de pílulas e se não te deres bem com umas, voltas ao médico para que te dê outras.

P-E como é que tu tomas a pilula?

R-Da primeira vez que tomei, comecei no quinto dia da menstruação. Tomei as 21, todos os dias uma, sem me esquecer nenhum dia. Alguns dias de

pois apareceu-me a menstruação. Como acabei as pílulas a uma segunda-feira, na terça-feira da semana seguinte (oito dias depois) comecei novamente a tomá-las como anteriormente, ou seja uma por dia, sem me esquecer nenhum dia. E assim todas as vezes. Se por acaso páro durante um mês ou mais, espero pelo quinto dia da menstruação e começo novamente a tomar.

P-Tu disseste muitas vezes que tomavas a pilula todos os dias sem te esqueceres, então porquê? E se nos esquecermos de a tomar um dia, o que é que acontece?

R-Eu já me esqueci de tomar a pilula à noite, mas tomei-a no dia seguinte de manhã. O importante é não passar um dia sem a tomar. Mesmo que não se tenha relações é importante tomá-las todos os dias, porque senão corremos o risco de ficar grávidas. Se por acaso te esqueceres de tomar 2 dias seguidos, tomas as 3 pilulas duma vez, as duas que te esqueceste e a do próprio dia e estás 5 dias sem teres relações. Assim podes ter a sorte de não ocupar mas não é seguro; se tiveres receio de engravidar continua a tomar a pilula e utiliza outros métodos.

P-Quando foste ao médico pedir a pilula foste reembolsada pela Caixa?

R-Não, porque a Caixa não reembolsa as pilulas. Eles são todos os mesmos, o que eles querem é que a gente tenha muitos filhos, que trabalhem como escravos para eles, como nós. Tu não vês toda a propaganda que se faz contra a pilula, é tudo por causa disto, podes ter a certeza!

Eu fui ao médico porque não devemos tomar uma pilula qualquer. Mesmo que seja boa para mim pode não ser boa para ti. Há muitas qualidades de pilulas e é o médico que pode saber qual é a melhor para nós. Se tu queres começar a to-

mar a pilula eu posso indicar-te os nomes de alguns médicos onde podes ir.

P-Lá isso quero, gostava mesmo de saber pois tenho vergonha de ir a um médico sem saber se ele me receita ou não a pilula. Assim já vou segura.

agosto 73

o esterilete

No último jornal de Agosto-Setembro falámos sobre a pilula, como uma das maneiras de evitar filhos. No entanto esta não é a única, embora seja a mais fácil e a mais segura. Um casal que não queira ter mais filhos poderá ainda utilizar os seguintes métodos:

- O esterilete
- A ligadura das trompas
- O diafragma
- O preservativo masculino

Vejamos o que nos diz a Rosa e a Alice sobre cada um deles:

R- Sabes, Alice, ando muito aborrecida porque não sei o que hei-de fazer. A verdade é que o meu marido e eu não queremos ter mais filhos, pois estes 4 já nos dão muito trabalho. O médico diz que não posso tomar a pilula porque tenho muitas varizes. Ele falou-me noutra coisa que se chama "esterilete" mas eu não percebi bem o que é. Já ouviste falar nisso?

A- Sim, sei o que é. É uma coisa em plástico que o médico mete no útero da mulher e que impede que fique grávida mesmo que tenha relações.

R- Isso faz mal?

A- Não, a mulher não sente nada, mas uma vez que tem um aparelho destes deve ir consultar o mé-

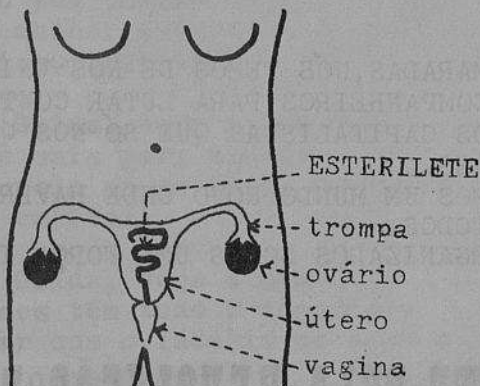
dico de vez em quando para ver se o esterilete está no seu lugar. No caso da pessoa, ao fim de alguns meses, desejar ter um filho, deve ir ao médico para ele lhe tirar o esterilete. De qualquer modo, embora seja um método muito certo, não é tão seguro como a pilula.

R- Pois, mas eu só tenho consulta marcada para daqui a duas semanas e daqui até lá...

A- Bem, daqui até lá o que podes fazer é dizer ao teu homem que use o preservativo que podem comprar na farmácia, senão arriscas a ficar grávida.

R- Eu tenho uma tia que tem 42 anos. Já tem 8 filhos e como não queria ter mais foi ao médico que lhe fez uma pequena operação.

A- Pois essa operação chama-se "a ligadura das trompas", mas é preciso ter 35 anos ou mais para o médico aceitar fazê-la, pois é definitiva. A pessoa depois, mesmo que queira não poderá ter mais filhos. De qualquer modo é uma operação muito simples e há médicos que estão de acordo em a fazer desde que o homem e a mulher também estejam.



- R- Sabes o que estou a ver? É que ao fim e ao cabo não há muitas maneiras de evitar de ter filhos.
- A- Lá nisso tens razão. Métodos mais seguros só há estes de que a gente esteve a falar. Há ainda o diafragma mas é muito pouco usado e pouco seguro. É um aparelho que se mete na vagina antes da pessoa ter relações; no entanto é preciso aprender a colocá-lo e não é nada prático. Todas as outras coisas que se usam são muito pouco eficazes. Há dias ouvi falar num método contraceptivo novo para o homem, mas ainda não está pronto.
- R- É pena que haja tanta gente que não está informada do que deve fazer. É por isso que há muitas famílias que têm 7 e 8 filhos sem os desejarem e com grandes dificuldades para os criarem.
- A- Pois é, o governo e toda a pandilha de patrões, médicos e advogados que o defendem, quer aqui quer em Portugal, não deixam informar as pessoas.

E ASSIM, CAMARADAS, NÓS TEMOS DE NOS UNIR COM OS NOSSOS COMPANHEIROS PARA LUTAR CONTRA AQUELES BANDIDOS CAPITALISTAS QUE SÓ NOS QUEREM AO SERVIÇO DELES.

CONSTRUIREMOS UM MUNDO NOVO ONDE HAVERÁ FELICIDADE PARA TODOS.

UNIDOS E ORGANIZADOS SOMOS UMA FORÇA INVENCIVEL

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR

(canção de "Os Camaradas")

Ó Senhora Guida, veja a sua vida
Você lá na fábrica e o seu companheiro
Sempre a trabalhar para tentar pagar
A conta ao merceiro.

Ó Senhora Guida, veja a sua vida
Depois do emprego nunca fica parada
Põe a sopa a cozer a casa a varrer
Você vive escravizada.

Ó Senhora Guida, veja a sua vida
Para criar os filhos quase não comia
E agora saem da terra para morrer na guerra
Defendendo a burguesia.

Ó Senhora Guida, veja a sua vida
A cabra do seu patrão anda a passear
Ela é uma mulher que tem tudo quando quer
Sem p'ra isso trabalhar.

Ó Senhora Guida, veja a sua vida
Não espere mais para atacar o mal
Atire a panela ao ar venha connosco lutar
Combata o capital.

Ó Senhora Guida, veja a sua vida
Os burgueses têm todo o comodismo
P'ra acabar com o fadário de todo o operário
Lute pelo COMUNISMO.

"O Alarme" é um jornal que está ao serviço dos trabalhadores. Tanto nas suas páginas como nas brochuras que publica, pretende dar a conhecer os diversos aspectos da nossa vida de cada dia a miséria, as injustiças e os sofrimentos a que os patrões e os burgueses nos obrigam nesta podre sociedade capitalista em que vivemos.

E ao mesmo tempo pretende informar todos os trabalhadores sobre as melhores formas de podermos sair desta situação.

Ora, para sairmos definitivamente desta situação só há uma forma - lutarmos unidos e organizados contra os nossos inimigos de classe.

Conscientes dessa exploração e dos problemas particulares que a mulher tem nesta sociedade e conscientes de que para melhor lutar é preciso estar-se informado, um grupo de mulheres decidiu fazer esta brochura para ajudar as outras mulheres e a classe operária em geral a tomar consciência destes problemas.

Gostaríamos que outros camaradas, com outras experiências e com outras formas de luta fizessem igual.

"O Alarme" já publicou:

- 1) "Uma Seara de Trigo que Seja Para Todos" (coleção do povo nº 1)
- 2) "O 18 de Janeiro de 1934" (em colaboração com o Teatro Operário)
- 3) Calendário Proletário de 1974

Podem pedi-los escrevendo para:

O Alarme

22 Village du Rif

38640 - Claix